

Vida Rural

Francisco Szermeta (Xiko, o poeta de Osasco)

O sol despontando
Uma porteira se abrindo
Por mãos calejadas
Lenta e ternamente

A terra esperada
Sina marcada
De sulcar a terra
Nunca sua
Olhar abatido
De quem já se entregou
Se conformou

Segue sua labuta
O modesto camponês
A batida compassada,
Da enxada
Cigarro na boca
Suor na testa
O corpo perfurado,
por profundas cicatrizes
Enraizaram,
Como um câncer
No passar do tempo

Tanto e tudo faz
Nada fez
Nada tem
Nenhum hectare hem!
Ainda é capaz,
Erguer os braços para cima
No lamento do amém
Que ainda tem

A tarde escoando
A volta para o casebre
Lembrando muito mais,
Uma procissão

Em casa
Um lamento
Um gemido

O encontro no botequim
Um bate papo
Um longo trago

Uma bebida
Tão amarga
Quanto a própria vida
Perdida, sem saída

Resignar ou lutar
Pela terra morrer
Sem jamais,
Tê-la fecundado
Sendo sua

Estepe oligárquico
Com os frutos,
Da sua abençoada mão
Serve de engodo escabroso
Para o dotô
Todo pomposo
Prosseguir sua tirania
Contra uma gente,
Indefesa

Mesmo assim
Pensa-se
Em melhores dias
Todos tem limites
Na sua paciência

Já esgotou
Nada sobrou
Está aceso o estopim
No fim
Será o começo,
De uma vida digna
Que apagará
Toda obscuridade nefasta
Ainda persiste
Insiste
Alastra
Basta!